

DINÂMICAS DE EDUCAÇÃO PARA A PAZ

Rosângela Azevedo Corrêa

Revista Adolescer

<http://www.abennacional.org.br/revista/cap6.6.html>

Nos tempos atuais estamos vivendo momentos de crise que são percebidos em diversas dimensões: pessoal, social e planetária. Os conflitos gerados e vivenciados nesses momentos de crise podem ser freqüentemente agravados, dificultando a superação desta, de maneira equilibrada e sustentável.

Apesar dos avanços científicos e tecnológicos, vivemos cercados pela violência, a guerra (explícita e implícita dentro dos países e dentro de nós) e a opressão, que cobram um preço altíssimo em termos de vidas humanas e sofrimentos de toda sorte. Mas não podemos acreditar que não existirá futuro ou que não somos capazes de superar esta situação de angústia coletiva; cada um de nós deve fazer todo o possível para que, ao entrar no novo milênio, leguemos às gerações futuras certos valores e certas soluções já encaminhadas por diferentes organismos governamentais e não governamentais para combater as injustiças sociais, a pobreza, a miséria, a fome, a exclusão, a discriminação, a destruição do meio ambiente, a proliferação das drogas e das armas e, sobretudo, o recurso à força como forma de resolução de conflitos.

Assim sendo, faz-se necessário a busca de resolução de conflitos de forma criativa e positiva. Parat al, entendemos que os mesmos devem ser olhados numa perspectiva de totalidade, percebendo-se os diversos aspectos, relações e inter-relações neles presentes e propondo situações que sejam inclusivas. Essas alternativas de resolução de conflitos devem orientar-se por princípios de cooperação, solidariedade, igualdade e respeito, com vistas à construção de uma nova ética.

A educação tem um papel fundamental nesse processo, possibilitando a sensibilização dos educandos para as questões sociais, ambientais e relacionais de sua realidade local e global, contribuindo para a expansão de sua percepção e consciência, criando condições para sejam mais autônomos e criativos e com capacidade de gerenciar conflitos, propondo alternativas que incluam essas dimensões, priorizando a vida e a paz, os direitos humanos e o desenvolvimento sustentável.

A proposta da Cultura da Paz pretende mobilizar pessoas do mundo inteiro para buscar novas formas de convivência baseadas na conciliação, na generosidade, na solidariedade, no respeito absoluto aos direitos humanos e à diferença, a rejeição de toda forma de opressão e de violência, a justa distribuição dos recursos naturais e humanos, o livre fluxo de informações e o compartilhamento do conhecimento. Uma das formas que temos trabalhado esta cultura da paz é através do lúdico, tanto para crianças como para adultos, dentro e fora da escola, onde

brincar passou a ser uma forma de sermos nós mesmos e procurarmos a formação de grupos sólidos e solidários, capazes de resolver os seus conflitos de forma não-violenta.

Nós escutamos todos os dias nos meios de comunicação sobre notícias de violência no mundo inteiro, e nos sentimos impotentes, sem respostas para solucionar os problemas que envolvem a violência na família, na rua, entre os países e entre as pessoas. Chegamos até criticar ou condenar esta situação ou nos escandalizamos pelos atos de violência, sem realmente aprofundarmos na raiz que tem como um dos seus maiores problemas a injustiça e a violência institucional e simbólica.

Por esta razão é que propomos um trabalho que considera que educar para a paz significa uma mudança de conteúdos e métodos em todo o âmbito educativo, não só na escola, mas para todas as pessoas com a coragem de construir um mundo melhor.

Acreditamos numa forma de trabalho horizontal, participativo e lúdico, que propõe conteúdos a partir de uma experiência e uma realidade concreta que todos podemos vivenciar na própria pele e sentir como uma experiência pessoal e próxima, para desde aí aprofundar nela e analisá-la.

Acreditamos que como as pessoas e os grupos têm o seu processo, assim também é, com a educação para a paz e com a resolução de conflitos: é preciso seguir passos. É como uma construção de uma escada, porque cada degrau está baseado na construção do anterior, não podemos construir o 6º degrau sem termos construído os cinco degraus anteriores. Por este motivo é que temos tantos fracassos, ao tentarmos iniciar pelos problemas de comunicação, tomada de decisões ou resolução de conflitos, sem termos construído um grupo.

Neste sentido, propomos formar um grupo no qual as pessoas saibam seus nomes, se conheçam, tenham confiança em si mesmas e nas demais, saibam valorizar-se e encontrar os valores positivos nas outras, e sejam capazes de aportar tudo de forma solidária e equilibrada ao enriquecimento do grupo.

Não vamos ficar „olhando os nossos umbigos“ para que nos sintamos entre amigos; a proposta é criar um grupo forte que é mais que a soma de individualidades, para que possamos continuar subindo a escada que mencionamos. Podemos enfrentar dois desafios importantes na educação para a paz: os problemas de comunicação e a resolução de problemas.

O primeiro desafio é buscar uma comunicação efetiva. Aprender a se comunicar, a utilizar os diferentes canais que se tem e reconhecer os canais das demais pessoas, ou seja, aprender tanto a emitir uma mensagem, como recebê-la num processo ativo e enriquecedor para todos, tudo isso utilizado na tomada de decisões, usando como mecanismo o consenso.

Não entendemos o consenso como uma mistura, onde você deixa as suas

propostas quando as considera importantes ou como algo que funciona bem quando você está de acordo. Trata-se de um mecanismo que começa a ter sentido precisamente quando existem posições diferentes, transformando-se em alguma coisa, que fugindo de maiorias e votações, busca a forma de que todo mundo seja escutado, que a sua proposta seja acolhida e alcançar uma decisão que possa ser aceita por todas as pessoas.

O segundo desafio e interminável degrau na nossa escada que propomos para subir em educação para paz é a resolução de conflitos. Começar de exemplos para aprender a interiorizar valores de distanciamento e calma nos conflitos. Aprender a analisá-los, tentando vê-los desde o maior número possível de pontos de vista. Estimular a nossa imaginação na busca de soluções construtivas e não-violentas. Não para ficarmos só aí, senão que pouco a pouco vamos entrando nos nossos conflitos e naqueles que nos rodeiam. Não se trata de criar um mundo distante da realidade. Trata-se de aprender a enfrentar os conflitos cotidianos para que se tornem um trampolim de transformação social, de compromisso.

Precisamos trabalhar para encontrar uma coerência e um caminho entre nosso trabalho pessoal e a mudança social. Desde aí e para aí é que trabalhamos com esta proposta.